

C. Heius Primus, augustalis perpetuus. **Teatro e encenação do poder em *Olisipo*¹**

LUIS DA SILVA FERNANDES

RESUMO

O texto analisa as inscrições do teatro romano de *Olisipo* (*Prouincia Lusitania*) referentes a *C. Heius Primus, augustalis perpetuus*; a difusão do *nomen Heius* no mundo romano é igualmente abordada.

ABSTRACT

The text studies the inscriptions of *Olisipo's* theatre (*Prouincia Lusitania*), which document *C. Heius Primus, augustalis perpetuus*; the text also deals with the *nomen Heius* in the Roman world.

O conceito de «paisagem epigráfica», preconizado por Giancarlo Susini (1982: 17-18), vem assumindo um certo relevo no estudo do mundo romano no território peninsular (vd. Mayer, 1999: 13-32). Com efeito, a noção de que as inscrições romanas foram produzidas para um determinado ambiente (que urge reconstituir), e que só em conjunto com outros elementos assumem pleno significado, alargou as perspectivas de investigação. Tal enriquecimento é notório no âmbito da reconstituição da paisagem urbana, mormente no que respeita aos edifícios públicos (vd.

¹ O presente texto constitui, no essencial, a versão portuguesa (actualizada) da comunicação intitulada «*C. Heius Primus, augustalis perpetuus. Théâtre et mise en scène du pouvoir à Olisipo*», apresentada no *XII Congressus Internationalis Epigraphiae Graecae et Latinae: Les Provinces de l'Imperi Romà a través de l'Epigrafia* (Barcelona, 3-8 de Setembro de 2002) e corresponde ao núcleo central da intervenção, subordinada ao tema «Teatro(s) romano(s) na Lusitânia», apresentada na homenagem ao Professor Doutor Manuel de Oliveira Pulquério, nas *XV Jornadas de Formação de Professores* (Viseu, 29 e 30 de Abril de 2004), organizadas pela Faculdade de Letras da UCP. O tema abordado pretende homenagear singelamente o Prof. Doutor Oliveira Pulquério conjugando dois aspectos: por um lado, o legado do teatro grego, domínio científico do homenageado; por outro lado, o estudo da sociedade romana através da epigrafia latina e da arqueologia, temática central na minha actividade científica. Recordo, aliás, que há alguns anos atrás, ainda como aluno, ao ler um artigo sobre o ensino universitário da Epigrafia em Portugal, lá encontrei a referência a um docente do Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra chamado Manuel de Oliveira Pulquério, que leccionou a cadeira de Epigrafia entre 1959 e 1961; não podia adivinhar que, anos mais tarde, seria precisamente o Prof. Oliveira Pulquério que me lançaria o desafio de integrar o corpo docente da Faculdade de Letras da UCP, para leccionar, entre outras, ...a cadeira de Epigrafia.

Encarnação, 1993: 316-323). Diversos estudos demonstraram que edifício, programa iconográfico e inscrições formavam um conjunto destinado à transmissão de novas ideologias, particularmente no que respeita aos teatros, locais privilegiados de reunião do *populus* (vd. Gros, 1990: 383 e 386-390; Jiménez Salvador, 1993: 237-238). Consciente da importância política e social do teatro e perante o novo modelo de edifício teatral materializado em Roma por iniciativa de Pompeu, no ano de 55 a.C., Augusto utilizou os teatros como um elemento chave de afirmação do novo poder dinástico e, simultaneamente, do poder de Roma nas províncias. A nível provincial, os edifícios teatrais tornaram-se num dos principais símbolos da romanidade, constituindo-se, por um lado, como elementos estruturantes do novo urbanismo e, por outro, como instrumentos de propaganda da nova ordem. A análise das inscrições mostra o empenhamento dos notáveis locais nessa estratégia (Jiménez Salvador, 1993: 238; Ventura Villanueva, 1999: 64-72). Esse empenhamento, frequentemente sob a forma de pública benemerência, proporcionava igualmente a necessária auto-promoção do escol de cada cidade.

Nesse sentido, parece-nos interessante a análise do teatro de *Olisipo* e da sua paisagem epigráfica². Trata-se de um teatro cuja construção deverá remontar à época augustana e que, numa segunda fase, foi objecto de embelezamento (Hauschild, 1994: 65-66; Alarcão, 1994: 60; Diogo, 1993: 222), como atesta uma inscrição datada de 57 d.C., que integrava o interior de cinco *exedrae* (três semicirculares e duas rectangulares) do *proscenium* (vd. fig. 1)³. A inscrição, gravada, numa só linha, em diversos blocos de mármore, foi detectada em 1798, juntamente com outros vestígios do teatro, e desenhada pelo arquitecto real Francisco Xavier Fabri⁴. É dedicada ao imperador Nero⁵ e documenta a renovação

² Da vasta bibliografia relativa ao teatro, vd. Almeida, 1966: 561-571; Moita, 1970: 7-37; Alarcão, 1982: 287-302; Alarcão, 1988: 124 e fig. 127; Hauschild, 1990: 348-392 (com resumo em português in Hauschild, 1994: 64-66); Diogo, 1993: 217-224; Alarcão, 1994: 60; Ribeiro, 1994: 84; Maciel, 1994: 37-39; Maciel, 1995: 86-87; Fernandes, 2001: 29-51, com mais bibliografia. Quanto às inscrições do teatro, para além das referências citadas no texto (CIL II, FE e AE), tenha-se em conta EO 70 e 71, RAP 490 e 543, com mais bibliografia, bem como Hauschild, 1990: 376-377 e fig. 9.

³ *Neroni Claudio Diui Claudi filio Ger(manici) [---]aesari[---] / [---]aesaris [---] Aug(usto) Germanico / pont(ifici) max(imo) trib(unitia) pot(estate) III imp(eratori) III co(n)s(uli) II designato III / proscenium et orchestram cum ornamentis / Augustalis Perpetuus. C(aius) Heius Primus [---]* (CIL II 183; EO 70; RAP 490; Hauschild, 1990: 350 e 376-377). Relativamente à leitura, sem restituições, apresentada por Luis de Azevedo (Azevedo, 1815: 12, est. III) e acolhida por Hauschild, 1990: 350, acrescentamos os fragmentos da titulação imperial *[---]aesari[---]* e *[---]aesaris*, presentes num bloco certamente inserido no *proscenium*, no final da 1ª exedra semicircular, como sugere uma planta de Xavier Fabri (Leite e Pereira, 1994: 208-209; vd. fig. 1).

⁴ Os vestígios do teatro foram novamente soterrados, pelo que, apesar da recuperação de alguns dos blocos com partes do texto, em escavações contemporâneas (Alarcão, 1982: 288 e n. 9; Hauschild, 1994: 64-65; vd. fig. 1c), este foi-nos dado a conhecer essencialmente pelos diversos desenhos de Xavier Fabri, entre os quais, duas plantas da Coleção Cenáculo,

do *proscenium* e da *orchestra*, e respectiva decoração, realizada a cargo de *C. Heius Primus, augustalis perpetuus*⁶. A epígrafe demonstra assim a marmorização do edifício na época neroniana, consubstanciada na decoração do pavimento da *orchestra* com placas de mármore e na substituição do primitivo *proscenium* por blocos de mármore (Hauschild, 1994: 66)⁷.

Uma segunda inscrição, actualmente desaparecida, registava a homenagem ao augustal, realizada pelos seus libertos e respectivos filhos (CIL II 196)⁸. O suporte da inscrição poderia ser, como considerou Leite

recentemente identificadas (Maciel, 1995: 86-87) e uma planta e alçado do Museu da Cidade (Leite e Pereira, 1994: 208-209), mais rigorosas quanto ao *proscenium* e respectivos blocos epigrafados do que a planta e alçado definitiva, publicada em 1815 por Luís Azevedo, juntamente com vários desenhos do teatro e respectivas inscrições (Azevedo, 1815: 46, est. X; cf. Maciel, 1994: 38; Leite e Pereira, 1994: 209). Na reconstituição apresentada por Hauschild, 1990: 376-377 e fig. 9, o bloco *h* deverá ser colocado à esquerda do bloco *g*, já que parece apresentar as letras *ETO* (e não *EIO*), correspondentes ao nicho 4 (*et orchestram*), como sugeriu Stylow, 2001: 145, n. 27.

⁵ Stylow, 2001: 145, n. 27, contesta tal interpretação, considerando mais lógica a presença da titulação imperial como datação e propondo a correção de *NERONI* para um ablativo de datação - *NERONE*.

⁶ Quanto à parte final do nicho 5, incompleta na época do achado, a proposta conjectural de Vieira da Silva (EO 70: *[C(aii?) l(ibertus?) d(edit?) d(edicauit?)]*) parece ser mais viável, à luz dos dados conhecidos, do que a restituição de Hübner (CIL II 183: *Cato Heia ... [d. d.]*), como notou Étienne, 1974: 252, nota 5. A posição de Hübner baseia-se explicitamente (CIL II, 25) numa estampa representando parte do *proscenium*, publicada por Luís Azevedo (Azevedo, 1815: 44, est. VI), na qual o *cognomen Primus* está desenhado juntamente com o *cognomen Cato* e algumas letras pouco perceptíveis (*DD?*); ora, a representação do *cognomen Primus* nessa posição entra em contradição, não só com todos os desenhos produzidos por Fabri cerca de 1798, mas também com a própria planta publicada por Luís Azevedo (Azevedo, 1815: 46, est. X), já que todos os desenhos apresentam o *cognomen* junto ao gentilício, na 3ª *exedra* semicircular, nunca sendo representadas mais de 5 *exedrae* epigrafadas. Aliás, para além de não haver notícia de fragmentos de blocos do *proscenium* documentando o *cognomen Cato*, o desenho aguarelado de Fabri (vd. fig. 1b) mostra claramente que as dimensões do bloco em falta na extremidade da 3ª *exedra* semicircular não suportariam a restituição proposta por Hübner, certamente inspirada em CIL II 196; nesse bloco deveria estar, pelo menos, a fórmula final, eventualmente a mesma que surge por extenso em AE 1997, 773 (vd. nota 9), inscrição que atesta a mesma estrutura onomástica presente nos desenhos de Fabri. Assim, a estampa em causa propõe afinal uma "encenação" e não uma perspectiva real, pelo que a suposição de Serrano Delgado, baseada na proposta de Hübner, de que deveríamos considerar a existência de dois augustais perpétuos em *Olisipo* (*C. Heius Primus* e *C. Heius Primus Cato*) deverá ser corrigida (vd. Serrano Delgado, 1988: 101).

⁷ Afigura-se-nos possível que os *ornamenta* referidos na inscrição incluíssem os dois silenos de mármore encontrados junto às *exedrae* do *proscenium* (vd. Alarcão, 1982: 290 e lám. 9) e, sobretudo, as placas de revestimento dos intervalos das *exedrae* que, segundo proposta de Jorge Alarcão, apoiada por Theodor Hauschild, representariam as musas, como sugere uma placa de mármore branco fragmentada, relativa a Melpomene, recuperada nas ruínas do teatro (Alarcão, 1982: 290 e lám. 8; Hauschild, 1994: 65).

⁸ *[Augu]stali Perpetuo / C(aio) Heio C(aii) l(iberto) / Primo / C. Heius Primi lib(ertus) / Nothus et Heia / Primi l(ib(erta) Elpis / Heia Noth<i f(ilia)> [S]ecunda / C(aius) Heius Nothi f(ilius) Cal(eria tribu) / Primus Ca<t>o /¹⁰ Heia Nothi f(ilia) Chelido / [C.?] [H]eiu[s] Nothi f(ilius) Cal(eria tribu) / Glaphyrus Nothi.an[us?]* (CIL II 196 + CIL II, 692; EO 71; RAP 543). A leitura do texto suscitou alguns problemas de leitura a diversos autores, devido ao desgaste do suporte e aos diversos nexos utilizados no texto, através dos desenhos do arquitecto Xavier

de Vasconcelos (1913: 225), o pedestal de uma estátua, colocada no teatro, hipótese sugerida pelo próprio desenho da peça epigrafada (vd. fig. 2).

Recentemente, foi detectada uma inscrição incompleta, gravada num fragmento paralelepípedo de lioz rosada (vd. fig. 3), reutilizado num edifício moderno próximo do teatro, que documenta mais uma doação de *C. Heius Primus*⁹; trata-se de um lintel, eventualmente do próprio teatro (de uma entrada do *aditus maximus*?) ou de um edifício contíguo (cf. Trindade e Diogo, 1997).

As inscrições acima referidas permitem reconhecer a estrutura onomástica completa de um *augustalis perpetuus* de *Olisipo*, identificado como *C. Heius C. l. Primus*. O cipo no qual foi homenageado regista o nome de dois dos seus libertos, *C. Heius Primi lib. Nothus* e *Heia Primi l[ib.] Elpis*, bem como os nomes dos quatro filhos deste casal de libertos: *Heia Nothi f. [S]ecunda*, *C. Heius Nothi f. Cal(eria tribu) Primus Cato*, *Heia Nothi f. Chelido* e *[.] [H]eiu[s] Nothi f. Cal(eria tribu) Glaphyrus Nothian[us]?*. No que respeita à estrutura onomástica dos libertos do *augustalis perpetuus*, note-se a forma como o seu estatuto libertino é indicado, recorrendo à menção do *cognomen* do patrono (*Primi lib.*) e não ao seu *praenomen*, como é habitual e está patente na identificação do próprio patrono (*C. l.*). Tendo em conta o contexto olisiponense, não se trata certamente de desconhecimento das regras mas sim da intenção de salientar a relação com um importante patrono¹⁰; tal intenção terá presidido à escolha do *cognomen Primus* para identificar um dos filhos, seguido do *agnomen Cato*, de ressonância ilustre; o segundo filho varão apresenta igualmente dois *cognomina*, embora o primeiro seja de origem grega (*Glaphyrus*) e o segundo derivado do *cognomen* do pai (*Nothianus*). Quanto às filhas, uma apresenta um *cognomen* latino banal (*Secunda*), enquanto a outra é identificada com um *cognomen* de origem grega (*Chelido*), circunstância mais consentânea com a origem social da família. Aliás, o facto de todos os filhos apresentarem a filiação através do *cognomen* do pai (*Nothi f.*) e não através do *praenomen* (*C. f.*), segundo as regras, parece indicar que, apesar destes serem cidadãos, não houve a tentativa de ocultar as suas origens, antes pelo contrário, sendo presumível que, para além do patrono, o próprio *Nothus* tivesse alguma notoriedade a

Fabri; seguimos as correcções de Hübner, consistentes com o desenho aguarelado de Fabri (*in* Leite e Pereira, 1994: 208; vd. fig. 1), à excepção do *praenomen* de *Nothianus*.

⁹ [*C(aius) Hei]us Primus dedit* (FE 55, 1997, nº 257 = AE 1997, 773); segundo os editores, o campo epigráfico, talhado de forma côncava e polido, terá sido moldurado antes da sua reutilização. Note-se que a forma das letras, a sua altura, bem como a espessura do suporte são similares às de alguns blocos constituintes de CIL II 183 (cf. Hauschild, 1990: 376, nº 2, 3 e 5, abb. 9, b, c, e).

¹⁰ Nesse sentido, observe-se o destaque dado (através de letras com módulo maior) não só ao cargo e ao nome do *augustalis*, mas sobretudo ao seu *cognomen*, isolado no centro da l. 4 (vd. fig. 2).

nível local. De qualquer modo, a utilização de dois *cognomina* na estrutura onomástica dos dois filhos varões parece indicar uma certa afectação, atendendo ao contexto cronológico da dedicatória¹¹.

O *nomen* do augustal proporciona dados interessantes já que *Heius* é um gentílico itálico (de provável origem osca; vd. Camodeca, 1982: 105) pouco difundido no mundo romano e está presente em importantes centros portuários (vide Mapa + Quadro). É igualmente raro na *Hispania*, cuja epigrafia regista ainda o duúnviro *L. Heius Labeo* (CIL II 3541: Murcia), próximo de *Carthago Nova*, cidade portuária da *prouincia Tarraconensis*¹².

Os *Heii* eram uma rica e poderosa família em *Cumae*, cerca de 200 a. C., com uma actuação munificente bem documentada em edifícios públicos da cidade (cf. Sgobbo, 1977: 231-264; Solin, 1981: 78, n. 37; Camodeca, 1982: 105, 117 e 121). No século I a. C., a epigrafia desta cidade do litoral da Campânia ainda regista *M(arci)* e *P(ublilii) Heii*, bem como os seus escravos e libertos (AE 1894, 113 + AE 1903, 349; vd. Camodeca, 1982: 121); uma inscrição inédita documenta mais um *M. Heius*, magistrado municipal no decurso do século I d.C. (cf. Camodeca, 2000: 113). A riqueza dos *Heii* cumanos deve-se certamente ao comércio marítimo, bem como à produção de cerâmica de construção, atestada pela epigrafia (vd. Sgobbo, 1977: 254 e 260).

É muito provável que os riquíssimos *Heii* sicilianos, presentes em *Messana* (Cic., *Verr.*, 4, 3-19: *C. Heius*, c. 75 a. C.) e, mais tarde, em *Lylybaeum* (Cic., *Verr.*, 4, 37: *Heius*), derivem da *gens* cumana (Solin, 1981: 78, n. 37; Camodeca, 1982: 121)¹³. *Cn. Heius*, senador silano (Cic., *Cluent.*, 107: 74 a. C.) e *M. Heius, praef(ectus) Aegypti* em 42-45 a.C., poderão ter idêntica origem (Solin, 1981: 78, n. 37; Camodeca, 1982: 121). A imensa riqueza dos *Heii* da Sicília, testemunhada por Cícero, provém certamente do comércio marítimo, a principal actividade dos importantes portos de *Messana* e *Lylybaeum* (Sgobbo, 1977: 262-263).

Saliente-se, em finais do século II a. C., a presença de *Heii* entre os mercadores itálicos de *Delos*, com destaque para *C. Heius T. f. Libo, magister* de um colégio (CIL I 2236) e benemérito local, pois contribuiu para a reparação de um importante edifício público (ILS 9237)¹⁴. A

¹¹ Os *cognomina* de origem grega deste núcleo familiar são pouco frequentes a nível peninsular, à excepção de *Elpis*, sendo notória a distribuição preferencial no litoral, particularmente no caso de *Chelido* e *Elpis* (vd. Abascal Palazon, 1994: 325, 351, 380, 384, 440).

¹² Sobre esta inscrição, vd. Rodríguez Neila, 1988: 241 e n. 78. Desconhece-se a origem do *signaculum* de bronze com a inscrição *M(arci) . Hei Proc(ul-)*, depositado na Biblioteca Nacional de Madrid (CIL II 4975²⁸; vd. Castellano/Gimeno/Stylow, 1999: 81).

¹³ Recorde-se a existência de estreitas ligações de *Messana* a populações de *Cumae* e do litoral da Campânia (cf. Sgobbo, 1977: 262-263).

¹⁴ Atendendo à cronologia, diversos autores consideram a possibilidade de *C. Heius T. f. Libo* poder ser identificado com o *C. Heius* de *Messana* referido por Cícero (Spawforth, 1996:

vizinha colônia de *Corinthus* regista a presença de diversos *C. Heii* entre o séc. I a. C. e o séc. II d. C. Alguns exerceram diversas vezes as magistraturas locais, durante o reinado de Augusto, nomeadamente os libertos *C. Heius Pamphilus* e *C. Heius Aristio* (vd. Spawforth, 1996: 178-179; Kent, 1966: 24-31 e nº 150-151)¹⁵. Segundo J. S. Spawforth, os *Heii* de Corinto poderão descender dos *Heii* de *Delos* (Spawforth, 1996: 172 e 179). Alguns *C. Heii* de Corinto instalaram-se em Delfos (Spawforth, 1996: 179). Refira-se ainda a presença de um *Heius* em *Mantineia*, cidade do Peloponeso (vd. Hoet-Van Cauwenberghe, 1996: 213, n. 44).

Além de *Cumae*, que apresenta a maior concentração de testemunhos, a epigrafia regista poucos *Heii* em solo itálico. Entre os escassos testemunhos de Roma, incluem-se um sacerdote de Ísis (CIL VI 2278) e um pretoriano (CIL VI 32536); a Campânia¹⁶, a Apúlia e a Úmbria apresentam mais alguns testemunhos, entre os quais um magistrado (CIL IX 2467). A maioria poderá derivar dos *Heii* cumanos, não só pela proximidade geográfica, mas também pela predominância do *praenomen Marcus*. No Norte de Itália os testemunhos são mais escassos, salientando-se a sua ocorrência nos centros portuários de *Fanum Fortunae* (CIL XI 6233), onde se regista um *seuir*, e de Aquileia (CIL V 8973), onde *T. Heius Speratus* integra uma lista de nomes relacionados com um *seuir*; nessa área, refira-se ainda um magistrado municipal (AE 1940, 7). Finalmente, assinale-se a presença de lucernas fabricadas por *Heius Firmus*, no Norte de Itália (CIL V 8114⁶²) e no Norte de África (CIL VIII 22644¹³⁷)¹⁷.

Os *Caii Heii* predominam, como vimos, fora de Itália: para além dos testemunhos da Sicília, do Mediterrâneo Oriental e de *Olisipo*, apenas encontramos três testemunhos isolados: um *miles* falecido na *Germania* (AE 1979, 430), possivelmente de origem hispânica (Forni, 1988: 120-123), um gladiador em *Nemausus* (CIL XII 3328) e uma ocorrência em *Siscia*, na *Pannonia Superior* (AIJ 538).

179; Le Dinahet, 2001: 104, n. 5). O gentílico está ainda presente num grafito parietal numa habitação particular (Le Dinahet, 2001: 104) e em selos de um arquivo pessoal numa habitação destruída por um incêndio em 69 a.C. (AE 1993, 1409).

¹⁵ Segundo J. S. Spawforth (1996: 172), os dois magistrados tanto poderão ser libertos de um dos primeiros *Heii* instalados em Corinto, como representantes locais de uma família de *negotiatores*.

¹⁶ Refira-se ainda, na Campânia, um epitáfio incompleto que poderá eventualmente registar mais um *Heius* ou um gentílico derivado de *Heius* (CIL X 329, *Tegianum* [Diana]: *Heif...]lotus Felicissimus*).

¹⁷ As marcas de lucernas encontradas em solo italiano e atribuídas a *C. Hei(us) Ian(uarius)* (CIL X 8053⁹²) poderão resultar de uma má leitura das marcas relativas ao produtor *C. Hel. Ianuar. = Heli(...)* (vd. Bussière, 2000: 221). Refira-se ainda a marca *L. He. Mar.* (CIL VIII 22644¹³³), cuja ligação à *gens Heia* não é segura, sendo provável a sua relação com um *Heluius*.

No que respeita à análise da esfera actuação dos *Heii* olisiponenses, e atendendo à importância de *Olisipo* como centro portuário, parece-nos pois bastante significativo que os *C. Heii* e os seus libertos tenham actuado como *negotiatores* e magistrados locais, pelo menos até aos alvares do Império, em importantes centros portuários do Mediterrâneo, particularmente na época augustana. A fortuna e relevo social ostentados por *C. Heius Primus* devem-se certamente às actividades comerciais e marítimas proporcionadas por *Olisipo*¹⁸. A importância desta cidade reforça, aliás, a hipótese de que o augustal olisiponense possa ser um agente dos *C. Heii* do Mediterrâneo Oriental ou, pelos menos, descendente de libertos desses *negotiatores*¹⁹.

Entre os dinâmicos libertos olisiponenses, *C. Heius Primus* atingiu, através do sacerdócio do culto imperial, o cume a que a sua origem social lhe permitia aspirar²⁰. O augustal consolida o seu estatuto de notável, actuando como benemérito da urbe, ao contribuir generosamente para a renovação do teatro²¹. Simultaneamente, está também a promover, como lhe compete, o culto imperial, atendendo ao papel dos edifícios teatrais como centros de difusão da ideologia imperial e do culto ao Imperador, desde a época augustana (Gros, 1990: esp. 382-383); tal função está bem patente em diversos teatros peninsulares (Gros, 1990: 386-389), como exemplificam os casos de Mérida (Trillmich, 1993: 113-123), Cartagena (Ramallo Asensio/Ruiz Valderas, 1998: esp. 125-155) e Cordoba (Ventura Villanueva, 1999: 57-72), por exemplo²².

¹⁸ Relativamente à importância comercial de *Olisipo*, verdadeiro porto da capital provincial, vd. Mantas, 1990: 170-173, por exemplo. Quanto à concentração de augustais em cidades portuárias, vd. Étienne, 1974: 265-266; Étienne, 1990: 224.

¹⁹ Saliente-se a ocorrência, no território olisiponense, do gentílico *Mundicius*, igualmente presente entre os *negotiatores* de *Delos* e em diversos centros portuários do Mediterrâneo (vd. Fernandes, 1998: 77-80). Caso *Primus* não seja o agente de um patrono alheio à *Hispania*, não será lícito incluí-lo entre o rol de «libertos independentes», que devem a sua promoção social à sua própria iniciativa e não a um patrono bem sucedido (cf. Christol, 1992: 250-251)?

²⁰ Note-se o título *perpetuus*, honra pouco documentada a nível peninsular (Étienne, 1974: 252-260 e 273). A promoção social de libertos através da admissão no colégio dos *augustales* é um fenómeno bem conhecido, tal como a estratégia de auto-representação pública de libertos através de actos de benemerência, frequentemente impulsionadores de homenagens públicas (vd. Christol, 1992: 241-258, por exemplo).

²¹ A exemplo da actuação de *C. Heius T. f. Libo*, em *Delos*, e dos *Heii* de *Cumae*. No que respeita à relação entre actos de benemerência e auto-representação de notáveis na *Lusitania*, nomeadamente em *Olisipo*, vd. Andreu Pintado, 2001: 239-264 (esp. 244-245, 253-254 e 264), por exemplo.

²² Para além do papel dos teatros no desenvolvimento no culto imperial, talvez a actuação de *C. Heius Primus* não seja alheia ao relevo atribuído no reinado de Nero às representações teatrais (vd. Fernández Uriel, 1991: 206-212), como sugeriu José d' Encarnação (cf. Encarnação, 1995: 258).

Em *Olisipo*, os espectadores das representações teatrais não mais poderão deixar de relembrao o nome (e a acção) de *C. Heius Primus*, bem patente no *proscenium*. A eficácia desta estratégia de auto-representação não terá passado despercebida aos seus libertos, que escolheram o teatro para concretizar a homenagem ao patrono, promovendo eles próprios os seus nomes (e os dos seus filhos), tal como a sua relação com *Primus*. Palco de espectáculos, o teatro de *Olisipo*, através da sua paisagem epigráfica, transformou-se em mais um palco da encenação do poder na urbe romana.

Bibliografia:

Siglas:

AE = *L'Année Épigraphique* (indica-se o ano e o nº da inscrição):

AIJ - vide Hoffiler e Saria, 1938 (indica-se o nº da inscrição).

CIL = *Corpus Inscriptionum Latinarum* (indica-se o volume e o nº da inscrição).

CIL II - vide Hübner, 1869 e 1892 (indica-se o nº da inscrição).

EO - vide Silva, 1994 (indica-se o nº da inscrição).

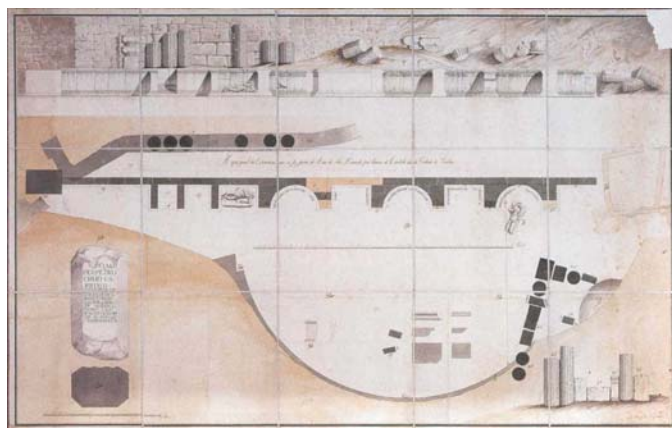
FE = *Ficheiro Epigráfico*, suplemento da revista *Conimbriga* (indica-se o fascículo e o nº da inscrição).

RAP - vide Garcia, 1991 (indica-se o nº da inscrição).

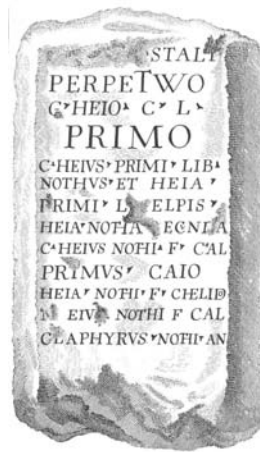
- ABASCAL PALAZÓN, J. M. (1994): *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Murcia.
- ALARCÃO, Jorge de (1982): «O teatro romano de Lisboa», *Actas del Simposio El Teatro en la Hispania Romana* (Mérida, 13-15 Noviembre de 1980), Badajoz, 287-302.
- ALARCÃO, Jorge de (1988): *Roman Portugal*, vol. II, fasc. 2: *Coimbra & Lisboa*, Warminster.
- ALARCÃO, Jorge de (1994): «Lisboa romana e visigótica», *Lisboa Subterrânea*, MNA, Lisboa, 58-63.
- ALMEIDA, Fernando de (1966): «Notícias sobre o teatro de Nero, em Lisboa», *Lucerna*, V, 561-571.
- ANDREU PINTADO, Javier (2001): «La participación de las elites en la mejora urbanística y el equipamiento ornamental de sus ciudades entre Tiberio y Trajano: el ejemplo de la *Provincia Lusitania*», in Castillo, Carmen; Javier Navarro, Francisco; Martínez, Ramón (eds.), *De Augusto a Trajano: un siglo en la historia de Hispania*, Colección Mundo Antiguo (Nueva Serie), nº 6, Pamplona, 239-264.
- AZEVEDO, Luís António de (1815): *Dissertação crítico-filologico-historica sobre o verdadeiro anno, manifestas causas, e attendiveis circunstancias da erecção do Tablado e Orquestra do antigo Theatro Romano...*, Lisboa. [não consultado]
- BUSSIÈRE, J. (2000): *Lampes antiques d'Algérie*, (Monographies Instrumentum, 16), Montagnac.
- CAMODECA, Giuseppe (1982): «Ascesa al Senato e rapporti con i territori d' origine. Italia: Regio I (Campania, esclusa la zona di Capua e Cales), II (Apulia et Calabria), III (Lucania et Bruttii), in *Epigrafia e Ordine Senatorio*, vol. II, *Tituli*, 5, 101-163.
- CAMODECA, Giuseppe (2000): «Le élites di rango senatorio ed equestre della Campania fra Augusto e i Flavii. Considerazioni preliminari», in Cébeillac-Gervasoni, Mireille (dir.), *Les élites Municipales de l'Italie Péninsulaire de la Mort de César à la Mort de Domitien. Classes sociales dirigeantes et pouvoir centrale*, Roma, 99-119.
- CASTELLANO, Ángeles; GIMENO, Helena; STYLOW, Armin U. (1999): «Signacula. Sellos romanos en bronce del Museo Arqueológico Nacional», *Boletín del Museo Arqueológico Nacional*, t. XVII, nºs 1-2, 59-95.
- CHRISTOL, Michel (1992): «Les ambitions d' un affranchi à Nîmes sous le Haut-Empire: l'argent et la famille», *Cahiers du Centre G. Glotz*, III, 241-258.
- COARELLI, F. (1983): «L' "Agora des Italiens" a Delo: il mercato degli schiavi?», in Coarelli, F.; Musti, D.; Solin, H. (a cura di), *Delo e l'Italia*, «Opuscula Instituti Romani Finlandiae», II (1982), Roma, 119-145.

- DIOGO, A. M. Dias (1993): «O teatro romano de Lisboa: notícia sobre as actuais escavações», in Ramallo Asensio, S. F.; Santiuste de Pablos, F. (coord.), *Teatros Romanos de Hispania*, «Cuadernos de Arquitectura Romana», 2, 217-224.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1993): «Arqueologia e epigrafia - uma complementaridade a potenciar», *Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular* (Porto, 12-18 de Outubro de 1993), vol. I, in *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXXIII (fasc. 1-2), Porto, 313-327.
- ENCARNAÇÃO, José d' (1995): «Roma e as primeiras culturas epigráficas da Lusitânia Ocidental», in *Roma y el Nacimiento de la Cultura Epigráfica en Occidente*, Zaragoza, 255-269.
- ÉTIENNE, Robert (1974): *Le Culte Impérial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste à Dioclétien*, Paris.
- ÉTIENNE, Robert (1990): «Le culte impérial, vecteur de la hiérarchisation urbaine», *Actes de la table ronde internationale du CNRS "Les Villes de Lusitanie Romaine - Hiérarchies et territoires"* (Talence, le 8-9 décembre 1988), Paris, 215-223.
- FERNANDES, Luis da Silva (1998): «Inscrições romanas do termo de Loures», in *Da Vida e da Morte: Os Romanos em Loures* (catálogo da exposição arqueológica), Museu Municipal de Loures, 75-92.
- FERNANDES, Lidia (2001): «Capiteis do Teatro Romano de Lisboa», *Anas* 14, 29-51.
- FERNÁNDEZ URIEL, P. (1991): «Nerón y neronismo. Ideología y mito», *Espacio, Tiempo y Forma*, Serie II, Hª Antigua, t. IV, 199-222.
- GARCIA, José Manuel (1991): *Religiões Antigas de Portugal - Aditamentos e Observações às «Religiões da Lusitânia» de J. Leite Vasconcelos - Fontes Epigráficas*, Lisboa.
- GROS, Pierre (1990): «Théâtre et culte impérial en Gaule Narbonnaise et dans la Péninsule Ibérique», *Stadtbild und Ideologie*, München, 381-390.
- HAUSCHILD, Theodor (1990): «Das römische Theater von Lissabon. Planaufnahme 1985-88», *Madriider Mitteilungen*, 31, 348-392.
- HAUSCHILD, Theodor (1994): «O teatro romano de Lisboa», *Lisboa Subterrânea*, MNA, Lisboa, 64-66.
- HOET-VAN CAUWENBERGHE, Christine (1996): «Onomastique et diffusion de la citoyenneté romaine en Arcadie» in Rizakis, A. D. (éd.), *Roman Onomastics in the Greek East. Social and Political Aspects. Proceedings of the International Colloquium organized by the Finnish Institute and the Centre for Greek and Roman Antiquity, Athens, 7-9 September 1993*, (Meletêmata, 21), Athens, 207-214.
- HOFFILLER, Viktor; SARIA, Balduin (1938): *Antike Inschriften aus Jugoslawien*, Zagreb.
- HÜBNER, Emil (1869): *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II: *Inscriptiones Hispaniae Latinae*, Berlin.
- HÜBNER, Emil (1892): *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II: *Inscriptiones Hispaniae Latinae — Supplementum*, Berlin.
- JIMÉNEZ SALVADOR, José L. (1993): «Teatro y desarrollo monumental urbano en Hispania», in Ramallo Asensio, S. F.; Santiuste de Pablos, F. (coord.), *Teatros Romanos de Hispania*, «Cuadernos de Arquitectura Romana», 2, 225-238.
- KENT, John Harvey (1966): *Corinth, vol. VIII, part III: The Inscriptions, 1926-1950*, Princeton, New Jersey.
- LEITE, A. Cristina (1994): «Elemento epigrafado do «proscenium» (ficha nº 233)», *Lisboa Subterrânea*, MNA, Lisboa, 211.
- LEITE, A. Crisitna e PEREIRA, P. (1994): «Prospecto e planta das ruínas do Teatro Romano de Lisboa (ficha nº 229)», *Lisboa Subterrânea*, MNA, Lisboa, 208-209.
- LE DINAHET, Marie-Thérèse (2001): Les italiens de Délos: compléments onomastiques et prosopographiques», in Brun, Patrice (éd.), *L' Îles de l' Égée dans l' Antiquité, Revue des Études Anciennes*, t. 103 (1-2), 103-123.
- LORINCZ, Barnabas (1999): *Onomasticon Provinciarum Europae Latinarum (OPEL)*, vol. II: *Cabalicus - Ixus*, Wien.
- MACIEL, M. Justino (1994): «Lisboa romana», *Olisipo* (Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa»), II série, nº 1, 37-39.
- MACIEL, M. Justino (1995): «A arte da época clássica (séculos II a.C.-II d.C.)», in Pereira, Paulo (coord.), *História da Arte Portuguesa*, vol. I, Lisboa, 86-87.
- MAYER, Marcos (1999): «El paisaje epigráfico como elemento diferenciador entre las ciudades. Modelos y realizaciones locales», in González, Julian (ed.), *Ciudades Privilegiadas en el Occidente Romano*, Sevilla, 13-32.

- MOITA, Irisalva (1970): «O teatro romano de Lisboa», *Revista Municipal* (Lisboa), 124-125, 7-37.
- RAMALLO ASENSIO, Sebastián F.; RUIZ VALDERAS, Elena (1998): *El Teatro Romano de Cartagena*, Murcia.
- RIBEIRO, José Cardim (1994): «*Felicitas Iulia Olisipo*. Algumas considerações em torno do catálogo Lisboa Subterrânea», *Al-Madan*, IIª série, nº 3 (Julho), 75-95.
- RODRÍGUEZ NEILA, Juan Francisco (1988): «*Aqua publica* y política municipal romana», *Gerión*, 6, 223-252.
- SERRANO DELGADO, J. M., *Status y Promoción Social de los Libertos en Hispania Romana*, Sevilla 1988.
- SGOBBO, Italo (1977): «Il maggior tempio del foro di Cuma e la munificenza degli *Heii* cumani in epoca sannitica», *Rendiconti della Accademia di Archeologia, Lettere e Belle Arti di Napoli*, nuova serie, LII, 231-264.
- SILVA, A. Vieira da (1944): *Epigrafia de Olisipo*, Lisboa.
- SOLIN, Heikki (1981): «Inscrizioni di Sora e di Atina», *Epigraphica*, XLIII (1-2), [63-102].
- SOLIN, Heikki (1983): «Appunti sull'onomastica romana a Delo», in Coarelli, F.; Musti, D.; Solin, H. (a cura di), *Delo e l'Italia*, «Opuscula Instituti Romani Finlandiae», II (1982), Roma, 102-117.
- SPAWFORTH, J. S. (1996): «Roman Corinth», in Rizakis, A. D. (éd.), *Roman Onomastics in the Greek East. Social and Political Aspects. Proceedings of the International Colloquium organized by the Finnish Institute and the Centre for Greek and Roman Antiquity, Athens, 7-9 September 1993*, (Meletēmata, 21), Athens, 167-182.
- STYLOW, Armin U. (2001): «Las estatuas honoríficas como medio de autorrepresentación de las elites locales de Hispania, in Navarro Caballero, Milagros; Demougin, Ségolène, *Élites Hispaniques*, Bordeaux, 143-155
- SUSINI, Giancarlo (1982): *Epigrafia Romana*, Roma.
- TRINDADE, L.; DIOGO, A. M. D. (1997): «Fragmento de inscrição de *C. Heius Primus*, proveniente de Lisboa», *FE* 55, nº 257.
- TRILLMICH, Walter (1993): «Novedades en torno al programa iconografico del teatro romano de Mérida», *Actas de la I Reunion Sobre Escultura Romana en Hispania*, M.N.A.R. - Mérida, 113-123.
- VASCONCELOS, José Leite de (1913): *Religiões da Lusitânia*, vol. III, Lisboa.
- VENTURA VILLANUEVA, Ángel (1999): «El teatro en el contexto urbano de *Colonia Patricia* (Córdoba): ambiente epigráfico, evergetas y culto imperial», *Archivo Español de Arqueología*, 72, 57-72.



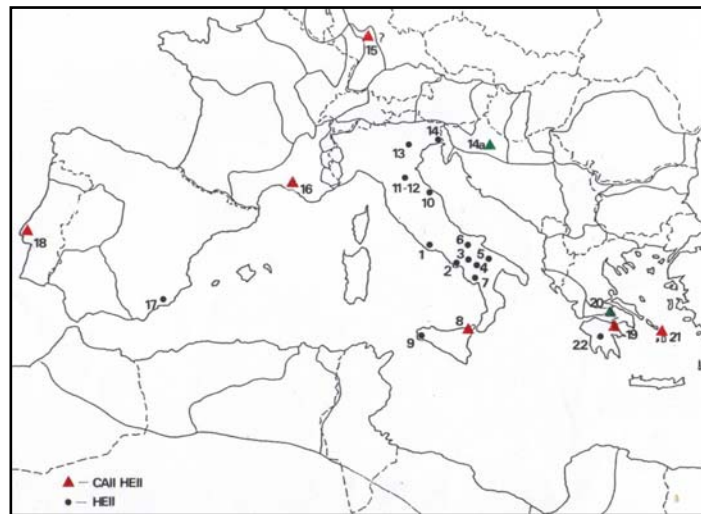
1. Teatro romano de Lisboa (F. X. Fabri; c. 1798); in Leite e Pereira, 1994: 208.



2. Inscrição CIL II 196; in EO: 176.



3. Inscrição da Rua da Saudade; in FE 55, 257).



Heii no mundo romano.

Quadro: *HEII*

| Nº Mapa / Loc. achado | Nome / funções / (bibliografia) | Datação |
|---|--|---|
| 1) Roma Latium, R. I | - S. Hei. Restituti - pater sacrorum (CIL VI 2278) - M. Eius Antigonus (CIL VI 5227) - M. Heius [...]; - Heia Tyrannidis (CIL VI 19186) - P. Heius Rufus - pretoriano (CIL VI 32536, C. I, 14) | s. I? s. III? ? s. III |
| 2) Cumae, Campania, R. I | - Min(ius) Heius Pac(cii f.) (Sgobbo, 1977: 249); - Decimus Eius Pacci f. (id., 1977: 252); - Ma(mercus?) Heius De(cimi f.) (id., 1977: 256); - M. Eiorum (id., 1977: 253); instrumentum - M. Heium M. f. Caled(um); - P. Heium M. f. Cale(dum); - Chilonem Hei M. s(eruum); - M. Heium [M.? I(ib.)?]; - Atton(em) [He]i M. ser. (AE 1894, 113 + AE 1903, 349) - Cn. Heius - senador (Cic., <i>Cluent.</i> , 107; vd. Camodeca, 2000: 113) - M. Heius - magistrado municipal (Camodeca, 2000: 113) - M. Heius - praef. Aegypti (vd. Camodeca, 1982: 121) | 200 a.C.? s. I a.C. 74 a.C. 10 d.C. 42/5 d.C. |
| 3) Cápua, Campania, R. I | - L. Hei[...] (CIL X 4160) | ? |
| 4) Nola, Campania, R. I | - M. Heius C. f. Gal.; - Heia M. f. Polla (CIL X 1305) | s. I? |
| 5) Venusia, Apúlia, R. II | - Q. Hei Q. f. Hor. (CIL I 1706 = CIL IX 523) | República |
| 6) Atília, Apúlia, R. II | - Ti. Heio Ti f. Vol. Rufo - Illuir (CIL IX 2467) | s. I? |
| 7) Atínia, Lucânia, R. III | - M. Hei M. I. Stabli(ionis); - M. Hei M. I. Philar(qui) (Solín, 1981, nº 4; AE 1981, 214) | s. I a.C./s. I |
| 8) Messana, Sicília | - C. Heius - patronus de Messana (Cic., <i>Verr.</i> , 4, 3-19) | 75 a.C.? |
| 9) Lilybaeum, Sicília | - Heius (Cic., <i>Verr.</i> , 4, 37) | 75 a.C.? |
| 10) Fanum Fortunae, Umbria, R. VI | - N. Heio N. f. Cam. - sexuir (CIL XI 6233) | ? |
| 11-12) Bononia + ager, Aemilia, R. VIII | - M. Heius M. I. Pal. Damophilus (CIL XI 6857) - Auct(us) Hei ? (CIL XI 6695 ²⁰) | s. I? ? |
| 13) Cornedo, Vicenza, Venetia et Histria, R. X | - L. Heius L. f. Col(lina) Calaesio - aed., Iluir (AE 1940, 7; AE 1977, 268adn.) | ? |
| 14) Aquileia, Venetia et Histria, R. X | - T. Heius Speratus (CIL V 8973) | ? |
| ?, Venetia et Histria, R. X | - Heiu[s] (Lorincz, 1999: 175) | ? |
| 14a) Siscia, Pannonia Superior, R. X | - C. Hei. Capitonis (AIJ 538) | s. II? |
| 15) Mogontiacum, Germania Superior | - C. Heijus C. f.] Qui[r. Ma]nsu[etus] Arc[ob(ri)ga]* mi[(es) leg(ionis) I] adi(utricis)] (AE 1979, 430; Forni, 1988 nº 8; AE 2001, 1541); *uel [B]arc[on(e)] | s. I |
| 16) Nemausus, Gália Narbonensis | - G. Heio Phoebos r(etiario?), (pugnarum) XIII (CIL XII 3328) | s. I |
| 17) Archena, Murcia, Tarraconensis | - L. Heius Labeo - Iluir (CIL II 3541 + CIL II, 955) | Augusto |
| 18) Olisipo, Lusitania | - C. Heius Primus - augustalis perpetuus (CIL II 183; EO 70; Hauschild, 1990: 348-392) = C. Heio C. I. Primo (CIL II 196 + CIL II, 692; EO 71) = [C. Heijus Primus (FE 55, 257) - C. Heius Primi lib. Nothus; - Heia Primi I[ib.] Elpis; - Heia Noth<i f.> Secunda; - C. Heius Nothi f. Gal. Primus Ca<t>o; - Heia Nothi f. Cheli[do]; - [H]eiu[s] Nothi f. Gal. Glaphyrus Nothi.an(us?) (CIL II 196) | 57 d.C. c. 57 d.C. |
| 19) Corinthus, Acaia | - C. Heio Arist[o] - aed., Iluiro q(uinquenali) (Spawforth, 1996: 179) - C. Heius Pamphilus - agonothetes, Iluir bis, praefectus bis (id., 1996: 178) - C. Heius Pollio (I) - Iluir bis (id., 1996: 178) - C. Heius Pollio (II) - Iluir bis (id., 1996: 178-179) - C. Heius Magnus - atleta vitorioso (id., 1996: 179) - C. Heius Magio - lutador vitorioso (id., 1996: 179) | Augusto " " " s. I s. I |
| 20) Delphi, Acaia | - C. Heius Nereus (Spawforth, 1996: 179), de Corinthus - C. Heius Eupaedeutus - arquitecto (id., 1996: 179), de Corinthus | ? s. II |
| 21) Délos, Acaia | - C. Heius T. f. Libo - magister (ID 1754 = ILS 9237; ID 2612) - Hei. (AE 1993, 1409); - Aulus Heius (Le Dinahet, 2001: 104; AE 2001, 1796) | 88 a.C. s. I a.C. / s. I |
| 22) Mantinea, Peleponnesus | - Heius (Hoet-Van Cauwenberghe, 1996: 213, nº 44) | s. II/III |
| [VARIÁ] | - Hei Fir. (CIL V 8114 ⁶² ; Trento; CIL VIII 22644 ¹³⁷ ; Bullae Regiae); lucernas - M. Hei. Proc(uli) (CIL II 4975 ²⁸ ; Madrid, Biblioteca Nacional); signaculum | ? ? |